

---

## A DISCIPLINA DO CORPO FEMININO EM “SENHOR DIRETOR”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

---

Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisa a construção da identidade da personagem Maria Emília no conto *Senhor Diretor* (1977) de Lygia Fagundes Telles, escritora que não perde de vista as mudanças socioculturais do seu tempo. No conto Maria Emília é moralista e possuidora de um discurso disciplinante muito rígido. Em oposição a tal comportamento, o universo cultural reproduz uma construção identitária liberada e sexualizada. Diante desses opostos, investiga-se como o corpo disciplinado de Maria Emília contar diz os valores dominantes da sociedade patriarcal. Para isso, aplicam-se conceitos de estudos de gênero e identidades numa perspectiva feminista e literária. As ideias de Foucault são relevantes para uma análise da formação da identidade e construção de novos conceitos.

Este trabalho analisa a construção da identidade de Maria Emília no conto *Senhor Diretor* (1977), de Lygia Fagundes Telles, escritora que não perde de vista as mudanças socioculturais do seu tempo. No conto, Maria Emília é moralista e possuidora de um discurso disciplinante muito rígido. Em oposição a tal comportamento, o universo cultural reproduz uma construção identitária liberada e sexualizada. Diante desses opostos, investiga-se como o corpo disciplinado de Maria Emília reproduz os valores dominantes da sociedade patriarcal. Para isso, aplicam-se conceitos de estudos de gênero e identidades numa perspectiva feminista.

Como principal suporte teórico, parte-se das ideias de Foucault, relevantes para uma análise da disciplina do corpo feminino. Para ele a sexualidade não pode ser compreendida apenas como um fator biológico, mas sim entendida como um produto da estimulação dos corpos, do reforço dos controles e da resistência no qual o discurso social tenta reprimir os prazeres proibidos para as margens, já que o puritanismo moderno impõe seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (cf. FOUCAULT, 2006). Dessa

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UEPB, pós-graduanda em Ensino de Português e Literatura pela UFS.

forma, devemos entender a sexualidade como uma construção social, uma construção de identidade.

Então, o homem construiu, em diferentes momentos da história, os mecanismos culturais e sociais referentes à sexualidade, uma vez que “o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2006, p. 07). No conto Senhor Diretor, Maria Emília é o exemplo da construção identitária da sociedade brasileira, a personagem nada mais é, do que a representação do controle patriarcal.

Maria Emília é uma mulher de meia idade, aposentada, solteira e de caráter severo e moralista. Aspecto de uma mulher rígida. Cabe lembrar que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2006, p. 36). O discurso dessa personagem fixa limites o tempo todo a seu corpo e procura controlar, inclusive, o uso do corpo dos outros.

De acordo com Elódia Xavier em *Que corpo é esse?*, a história da humanidade revela características importantes a respeito do lugar do corpo na sociedade. No decorrer da história, o corpo foi posto à margem, sendo assim enfatizada a mente humana. “Para Platão, o corpo é uma traição da alma e da razão e da mente, que são aprisionadas pela materialidade corporal” (2007). Essa pesquisadora, ao longo da sua obra, discorre como o processo histórico patriarcal influenciou a disciplinarização do corpo feminino.

O catolicismo distingue claramente corpo e alma, o primeiro sendo uma matéria pecaminosa e lasciva e a alma matéria divina. O corpo não era valorizado, pois de toda forma um dia irá sucumbir e virará pó. Esse discurso repressivo em relação ao corpo vem perdurando há muitos anos, trazendo consigo sequelas culturais e sociais até então indissolúveis em alguns casos.

Para a rigidez e controle de Maria Emília, tudo que é produzido pela mídia é considerado foco de imoralidade para o corpo, pois transgride o bom comportamento e

afeta os indivíduos de boa moral como ela mesma se identifica. Dessa forma, podemos conceber que a mídia é um veículo formador de opinião que deturpa muitas vezes os valores sociais. Esse olhar da personagem é parte de um universo social no qual, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2006, p. 52-3).

E para combater o que para ela é promiscuidade, Maria Emília tenta escrever mentalmente uma carta para o diretor do Jornal da Tarde, criticando as matérias que conspurcam os cidadãos de boa conduta, sendo as maiores vítimas as crianças. A carta ao diretor do jornal pode ser comparada a um diário, pois nela Maria Emília relata os seus dias, seus traumas e insegurança diante de uma sociedade em transformação:

Senhor Diretor antes de tudo quero me apresentar, professora aposentada que sou paulista (...) que tomou a liberdade de lhe escrever porque ninguém mais lhe ocorre expor sua revolta, mais do que revolta, seu horror diante desse espetáculo que a nossa pobre cidade nos obriga a presenciar desde o instante que se põe o pé na rua. (TELLES, 1977, p. 15).

As décadas de 60 e 70 tiveram grande importância para a formação da sociedade atual. Neste período da história, uma grande revolução comportamental tomou conta do mundo como intensificação do movimento feminista e dos movimentos sociais a favor dos negros e homossexuais e das minorias.

O mundo criava uma nova perspectiva de vida que aos poucos foi modelando alguns comportamentos de certos segmentos sociais, de acordo com Paes (2004). O fator primordial para essas transformações culturais e políticas foram os tempos de prosperidades empreendidos na segunda metade do século XX. O capitalismo nesse momento estava no auge, a propaganda seria a alma do negócio, como observamos neste trecho: “Mariana ouvia a publicidade na tevê, no rádio, entrava e comprava tudo, até pílulas homeopáticas” (TELLES, 1977, p.18).

A família nuclear é caracterizada a partir de modelo patriarcal. Como foi exposto anteriormente, o padrão marital burguês é baseado em ideias tradicionais do homem protetor. Elódia Xavier defende a ideia que a família é o lugar de adequação social do

indivíduo, e principalmente o responsável direto pela maioria dos conflitos narrados, no qual “o casamento era um contrato socioeconômico que não pressupunha afinidades afetivas e nem sexuais” (XAVIER, 2006).

A família através de seu núcleo reprime e condiciona o ser de acordo com sua realidade tornando assim suas ações muitas vezes conflitantes e repressoras. Para Xavier, a mulher é um dos focos principais dessa repressão, geralmente a problemática feminina é bastante abordada em vários textos de autoria feminina. Em nosso caso o personagem em conflito é Maria Emília que representa o discurso demagogo da sociedade patriarcal em que vive. A família é o primeiro vínculo para a construção da identidade do ator social.

A família nuclear burguesa tem sido alvo das críticas da narrativa do modernismo brasileiro, os conflitos de origem familiar é a grande tematização desses conflitos, na literatura brasileira, principalmente de autoria feminina, que através das suas obras conseguem tornar externos os efeitos de repressão sofridos pelas mulheres ao longo dos anos. No conto Senhor Diretor, Maria Emília, uma mulher absorvida pela vida, está condenada a viver o resto dos seus dias policiando todos os seus atos e desejos mais íntimos do seu ser.

Numa passagem do texto, Maria Emília demonstra a sua preocupação com a violência que vem crescendo no mundo “Que estamos nos afastando cada vez mais de um planeta de paz e nos aproximando rapidamente de outro planeta só de aflição, só de violência” (TELLES, p.18). Tal preocupação acerca da violência ressalta como a sociedade capitalista vem influenciando de forma demasiada à questão do consumo em larga escala e para ela é uma influência extremamente negativa como verificamos nesta passagem do texto “é preciso alertar as autoridades, temos que neutralizar essa influência perversa” (TELLES, p.18).

O que percebemos no conto é a inadaptação da personagem em relação às mudanças que estão ocorrendo no seu tempo, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à sexualidade, que muitas vezes são banalizadas e criticadas por Maria Emília. Para ela, a mídia, a televisão, os meios de comunicação têm sido fatores de corrupção

da boa moral “Senhor Diretor esses programas deturpam nossas crianças inocentes, e o filme que fizeram com a manteiga!”.

A personagem está em constante vigilância, não pode baixar a guarda, precisa a todo custo deter as más influências, o sexo está em todos os lugares, é preciso manter o corpo vigiado para não cair em tentação, sendo o mundo televisivo o maior dos vilões:

A coisa que invadiu a intimidade dos nossos lares, não tem filhos, é lógico, mas se tivesse estaria agora desesperada, essa mania de iniciar crianças, esses livros esses programas infantis (...) o que a tevê está exorbitando de um modo geral é nos impor a imagem da boçalidade e digo resistir a comprar uma (TELLES, 1977, p. 16).

Para a personagem, a tevê é um meio de comunicação que deturpa os bons costumes da sociedade e das famílias em geral, para ela tal objeto propicia uma péssima influência para formação do caráter das pessoas e que as crianças são as mais atingidas por esse veículo de comunicação negativo. E para enfatizar mais o seu discurso de repúdio, a mesma radicaliza ao afirmar que resistiu para não comprar a televisão, livrando-se assim da má influência.

Uma das preocupações de Maria Emília é manter a sexualidade e o desejo vigiado. Para ela, essa exposição demasiada ao sexo é muito perigosa, pois o homem corre o risco de se corromper pela banalidade do “sexo”. Mas essa preocupação não é só um cuidado com a sociedade de um modo geral e sim uma preocupação da mesma em cair em contradição com o próprio discurso empreendido. E para não “falhar”, é preciso fazer algo. A única forma que tem para fugir de tanto assédio é lutar contra. É preciso estar sempre vigilante: “Mas sou sozinha e, às vezes, a solidão é perigosa. A perigosa solidão. Mas fico vigilante...” (TELLES). Quando a personagem afirma que é preciso sempre ficar vigilante, pois a nossa sociedade nos impõe uma vigilância que controla, organiza, seleciona e redistribui todos os nossos procedimentos.

O corpo é um elemento que, para Maria Emília, deve estar a todo o momento sendo vigiado, é preciso não ceder aos impulsos orgânicos, o medo de quebrar a regra a faz ser impassível em relação ao sexo. Uma moça de família e solteira deve conter-se para que

mais tarde não sofra recriminação alguma por qualquer atitude mal pensada, uma moça “direita” deve abster-se de qualquer fato que a coloque numa condição desagradável diante dos seus.

No conto analisado, a disciplina do corpo feminino está associada ao patriarcalismo. O homem sempre foi o centro das decisões familiares, a família é um núcleo fechado que gira em torno da figura paterna, a vida dessas pessoas dependem das decisões tomadas pelo provedor que é homem. “A vida de um dono de casa (...) e de todos os outros se organizam, do qual derivam e ao qual devem sua força” (FOUCAULT, 2004, p. 8).

O olhar de Maria Emília reforça a imagem de segurança que deve ter o corpo disciplinado em uma família, uma vez que ela aceita o papel coadjuvante, quando reproduz decisões do sistema patriarcal, no qual, a mulher deve organiza as tarefas domésticas e ser a responsável pela educação dos filhos.

Maria Emília não seria a vilã da nossa história, mas sim a vítima de toda a sacralidade exigida por uma sociedade machista e autoritária. Que disciplina o indivíduo de uma forma que o mesmo torna-se refém de um sistema. Maria Emília é a refém da história, a vontade de viver plenamente e sexualmente ao poucos foi condicionada a um padrão patriarcal, o corpo não mais a pertence “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações e proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.18). Assim, o corpo disciplinado de Maria Emília se opõe ao feminismo e aos ideais modernistas.

Descobrir o corpo para a personagem, é um fato pensado, mas não executado, o corpo deve ser vigiado frequentemente, pois o mesmo encontra-se dominado por estruturas muito fortes que chamamos de instituições que são no caso da personagem muito enfatizadas como: a Família, a Igreja e o Estado, que podemos representar pela figura do Senhor Diretor, que Xavier (2007) afirma que são agentes que têm uma participação no que diz respeito à dominação.

Com isso, observa-se que o corpo disciplinado de Maria Emília vai repetir as regras do patriarcado e da família tradicional como uma instituição que deve ser mantida. Para o leitor atento, cabe a leitura da ironia que essa personagem representa, pois os

significados do texto apontam para uma visão da família dessacralizada. A sutileza da criação literária proporciona essa inversão de valores. Tal forma de oposição ao corpo disciplinado de Maria Emília pode ser observada pela ironia do título e da ideia da carta que não é escrita. Daí, concluímos que Maria Emília faz uma crítica ao conservadorismo da sociedade patriarcal brasileira.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A mulher e os rapazes da história da sexualidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004.

XAVIER, Elódia. A família no banco dos réus. *In*: **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Itabaiana: EdNUL, 2006. Acessada em julho de 2007. Endereço eletrônico: [http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic\\_interdisc.htm](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic_interdisc.htm)

\_\_\_\_\_. **Que corpo é esse?** Florianópolis: Mulheres, 2007.